

## **O PLANO DE FORMAÇÃO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO FORMATIVO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA**

### **THE TRAINING PLAN: POSSIBILITIES AND CHALLENGES IN THE TRAINING PROCESS OF THE FAMILY AGRICULTURAL SCHOOL**

### **EL PLAN DE FORMACIÓN: POSIBILIDADES Y DESAFÍOS EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DE LA ESCUELA AGRÍCOLA FAMILIAR**

Ricardo Alves  
Célia Piatti

**RESUMO:** O artigo apresenta o plano de formação da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR), com a pretensão de investigar as implicações do plano de formação no processo formativo desenvolvido pela escola. Como fundamentos, o estudo estrutura-se por meio da teoria histórico crítica para concretizar a análise documental e tem por objetivo compreender as implicações do plano de formação na formação dos alunos, em relação ao currículo, à prática docente e os riscos da fragmentação dos conhecimentos no planejamento curricular da escola. Análise que aponta a importância em refletirmos sobre a organização curricular na metodologia da alternância e o compromisso social da escola na transferência do patrimônio cultural da humanidade aos alunos, evidenciando os riscos do misticismo e do romantismo em detrimento aos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos. Os resultados apontam que a formação via pedagogia da alternância possibilita aos alunos a apropriação dos conhecimentos científicos acumulados pela história, mas com clareza de quem são, preservando a sua história, os seus saberes e as suas experiências.

**Palavras-chave:** Pedagogia da alternância. Escola Família Agrícola. Instrumentos pedagógicos. Processo formativo. Plano de formação.

**ABSTRACT:** The article presents the training plan of Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues – EFAR, with the intention of investigating the implications of the training plan in the training process developed by the school. As foundations, the study is structured through critical historical theory to carry out the document analysis and aims to understand the implications of the training plan in the training of students, in relation to the curriculum, teaching practice and the risks of knowledge fragmentation in school curriculum planning. Analysis that points out the importance of reflecting on the curricular organization in the alternation methodology and the school's social commitment in the transfer of the cultural heritage of humanity to students, highlighting the risks of mysticism and romanticism to the detriment of scientific, artistic and philosophical knowledge. The results show that training via alternation pedagogy allows students to appropriate the scientific knowledge accumulated by history, but with clarity of who are the subjects who are in training, preserving their history, their knowledge and their experiences.

**Keywords:** Pedagogy of alternation. Agricultural Family School. Pedagogical instruments. Formative process. Formation plan.

**RESUMEN:** El artículo presenta el plan de formación de la Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues – EFAR, con el objetivo de investigar las implicaciones del plan de formación en el proceso de formación desarrollado por la escuela. Como fundamento, el estudio se estructura a través de la teoría histórica crítica para realizar el análisis documental y tiene como objetivo comprender las implicaciones del plan de formación en la formación de los estudiantes, en relación con el currículo, la práctica docente y los riesgos de fragmentación del conocimiento en el currículo escolar. planificación. Análisis que señala la importancia de reflexionar sobre la organización curricular en la metodología de la alternancia y el compromiso social de la escuela en la transferencia del patrimonio cultural de la humanidad a los estudiantes, destacando los riesgos de la mística y el romanticismo en detrimento del conocimiento científico, artístico y filosófico. Los resultados muestran que la formación a través de la pedagogía de la alternancia permite a los estudiantes apropiarse del conocimiento científico acumulado por la historia, pero con claridad de quiénes son los sujetos que están en formación, preservando su historia, sus saberes y sus experiencias.

**Palabras clave:** Pedagogía de la alternancia. Escuela de Família Agrícola. Instrumentos pedagógicos. Proceso formativo. Plano de formación.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente a educação brasileira esteve a serviço da reprodução de valores sociais, servindo como meio para que uma minoria domine e reproduza valores de um modelo de cidadão em benefício a manutenção de um sistema exploratório que condena o trabalhador a ser explorado e uma minoria a riqueza, modelo que se perpetua no decorrer da história, mudando somente a roupagem, mas a essência da exploração, se mantem.

Neste cenário de dominação, exploração, alienação em que os trabalhadores são expostos, quando olhamos para a população camponesa, mais latente é a desigualdade no acesso a um ensino de qualidade e voltada para esta parcela da população, tantas vezes negada quanto aos seus direitos enquanto cidadão. É neste movimento de negação e luta por uma educação diferenciada, que leva em consideração as especificidades do campo e do camponês é que surge a pedagogia da alternância. Esta pedagogia colocada em prática pelas Escolas Família Agrícolas (EFAs) faz apontar no horizonte uma nova possibilidade de escolarização para o jovem camponês.

Nesta perspectiva se faz importante a reflexão sobre o plano de formação, as possibilidades, tensões e contradições da utilização deste instrumento no processo formativo desenvolvido na Escola Família Agrícola (EFA). Nesse sentido, indaga-se: Quais as implicações do processo formativo da EFA tendo o plano de formação como ponto de partida, será a desvalorização ao patrimônio cultural da humanidade devido a fragmentação curricular ou um processo formativo diferenciado construtivo e emancipatório?

Posto isso, o presente artigo traz na sua essência a análise e discussão sobre o plano de formação da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues - EFAR, localizada no município de Rio Brillante em Mato Grosso do Sul, a partir da perspectiva

da teoria histórico crítica. Neste sentido, o artigo está organizado em quatro partes, traçando uma linha histórica das origens da pedagogia da alternância, da importância da utilização dos instrumentos pedagógicos no processo formativo via alternância e a análise e discussão do plano de formação na perspectiva das implicações quanto ao processo de ensino e aprendizagem do aluno na EFA.

## 2 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A educação no Brasil sempre esteve atrelada aos interesses de uma minoria, que com o poder oriundo do capital domina os processos de produção e exploração do trabalhador por meio de sua mão de obra. A escola em sua atuação sofre os efeitos desse processo de marginalização do homem na sociedade. Segundo Saviani (2012, p. 30) “A escola é determinada socialmente; a escola que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto, a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade”.

Historicamente inúmeros momentos evidenciam a subalternização da instituição escolar aos desmandos em favor do capital. De acordo com Santos (2011, p. 108) “A partir dos anos 1920, a sociedade brasileira começa a se preocupar com uma educação no meio rural de forma mais sistematizada. [...] conhecido como *ruralismo pedagógico*. Este movimento defendia uma escola integrada às condições locais.” O que pode ser compreendido como um avanço significativo no acesso a escola pelo camponês, na prática omite o movimento de uma sociedade burguesa temente em perder a mão-de-obra explorável pelo latifúndio. Assim, promulgam a oportunidade da escola no campo como estratégia em impedir o êxodo rural e permanência do trabalhador rural no campo.

Em 1935 na França os camponeses enfrentavam entraves quanto a dificuldade na escolarização dos seus filhos, foi num pequeno vilarejo, chamado Sérignac-Péboudou que conforme menciona Queiroz (2004, p. 66), “a França vivia - uma realidade agrária baseada na produção familiar, cuja situação educacional é de abandono por parte do

Estado”. Diante desta situação, o acesso a educação por parte dos filhos dos camponeses se tornou um problema, pois para dar continuidade aos estudos os jovens teriam que abandonar suas propriedades e ir para a cidade, pois para continuar os estudos os jovens deveriam se deslocar para as escolas urbanas, fato que muitos desanimavam pois não queriam deixar suas famílias com o trabalho nas propriedades que viviam.

É neste contexto que um grupo de três famílias e um vigário padre Abbé Granereau, deram início a uma nova experiência de escolarização, envolvendo quatro jovens, segundo Zenatti (2013, p. 30) “Ives Peyrat, Paul Calewaert, Lucien Callewaert e Edouard Clavier; todos da mesma comunidade, conseguiram o apoio do vigário Pe. Abbé Granereau da paróquia e iniciaram um curso de técnico em agricultura por correspondência”. Esse modelo alternava períodos de estudo na escola, onde recebiam as orientações do pároco e momentos junto a família na propriedade, onde além de realizarem as atividades de estudo do curso contribuíam com o trabalho na propriedade. Esse modelo de escola ficou denominado de *Maison Familiale rurale*.

Os quatro jovens dessa primeira experiência de alternância se submeteram aos exames públicos da Escola Superior de Agricultura de Purpan, em Toulouse. O desempenho dos jovens nos exames foi impressionante, por isso, mais 17 (dezessete) jovens se inscreveram para fazer o curso no ano seguinte e receber as orientações do pároco. Oficialmente a abertura da primeira *Maison Familiale Rurale*, ou seja, Casa Familiar Rural, ocorreu no dia 17 de Novembro de 1937 em Lauzun na França, precedida dos dois anos de experiência com os quatro jovens. (ZENATTI, 2013, p. 31).

A experiência com esta metodologia denominada de pedagogia da alternância foi exitosa, logo se expandiu por toda a Europa, conforme Queiroz (2004, p. 70) “em 1950 existiam cento e vinte *Maisons Familiales rurales* na França”.

Na década de 60 a educação brasileira caracterizava-se por uma ideia oposta àquela colocada em prática na década de 20. De acordo com Santos (2011, p. 111 – 112) “A ideia de fixação das populações camponesas ao campo foi substituída pelo projeto de

expulsão destes indivíduos das terras para dar lugar ao processo de modernização da agricultura em benefício do grande capital”.

É neste período que o Estado promulga a Lei 5692/71 (a LDB) evidenciando a política de Estado com relação a educação para a população camponesa.

Art. 47. As empresas comerciais, industriais e agrícolas são obrigadas a manter o ensino de 1º grau gratuito para seus empregados e o ensino dos filhos destes entre os sete e os quatorze anos ou a concorrer para esse fim mediante a contribuição do salário-educação, na forma estabelecida por Lei. [...] Art. 49. As empresas e os proprietários rurais, que não puderem manter em suas glebas ensino para os seus empregados e os filhos destes, são obrigados, sem prejuízo do disposto no artigo 47, a facilitar-lhes a frequência à escola mais próxima ou a propiciar a instalação e o funcionamento de escolas gratuitas em suas propriedades. (BRASIL, 1971).

O que fica evidenciado é o total descaso do Estado perante o camponês no acesso a escola, transferindo suas responsabilidades para a iniciativa privada, dispondo o processo educativo do camponês aos desmandos dos interesses da burguesia, subalternizando o valor humano do trabalhador camponês aos interesses burgueses promulgados pelo valor do capital.

É neste contexto de tensão no campo por meio de uma política governamental a favor da burguesia em sobreposição ao camponês que surge, na década de 60 no Brasil, a experiência da pedagogia da alternância, no Estado do Espírito Santo. A pedagogia da alternância é colocada em prática no Brasil por meio das EFAs.

Para a efetivação da pedagogia da alternância no Brasil foram muitos os desafios, dentre eles a necessidade de uma legislação que amparasse com clareza esta proposta de ensino, assegurando a população rural o direito e as devidas adequações do currículo, metodologias e calendário as peculiaridades do campo. Em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) que essa metodologia de ensino é assegurada de forma clara por meio de lei, que no seu art. 28 aponta que:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - Adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Desta feita, a pedagogia da alternância avança na educação do campo nas EFAs e também em outros projetos educativos de instituições que compreendem a importância e a garantia da educação escolar para o povo camponês.

### **3 INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

O processo educativo numa EFA, se efetiva por meio da utilização dos instrumentos pedagógicos, estes instrumentos são o diferencial da escola, pois é por meio destes que acontece a articulação das experiências e a continuidade da aprendizagem interligando o tempo escola (momento em que o aluno está na escola) ao tempo comunidade (momento em que o jovem está no meio socioprofissional).

A escola é constituída por meio da ação de cada instrumento, os instrumentos pedagógicos da alternância são:

Plano de Formação; Plano de Estudo; Caderno da Realidade; Caderno Didático; Visitas de Estudo; Intervenções Externas; Estágios; Caderno de Acompanhamento; Projeto Profissional do Jovem; Visitas às Famílias; e a Avaliação. A prática destes instrumentos é fundamental para a realização do processo pedagógico em alternância (QUEIROZ, 2004, p. 48)

Cada instrumento funciona como uma engrenagem que faz com que a pedagogia da alternância funcione, permite segundo Queiroz (2004, p 42) “uma vinculação eficaz

entre escola e a realidade rural dos jovens”. Cada um com sua especificidade contribui com o objetivo central que é a formação integral do aluno da EFA.

Neste sentido, os instrumentos podem ser classificados de acordo com sua função no processo formativo desenvolvido pela EFA.

Begnami e Burghgrave (2000) apresentam a seguinte classificação quanto aos instrumentos pedagógicos.

Quadro 1 - Classificação dos Instrumentos Pedagógicos

Classificação	Instrumentos-atividades
Instrumentos e atividades de pesquisa	- Plano de estudo - Folha de observação - Estágios
Instrumentos e atividades de comunicação/ relação	- Colocação em comum - Tutoria - Caderno de acompanhamento da alternância - Visita à família e comunidade
Instrumentos Didáticos	- Visitas e Viagens de estudo - Serão de estudo - Intervenção externa - Caderno didático para as aulas/cursos - Atividades de retorno – experiências - Projeto profissional
Avaliação	Avaliação semanal Avaliação formativa

Fonte: Begnami; Burghgrave (2000, p.80).

O plano de formação é uma ferramenta de organização, reflexão, análise e diálogo, onde garantida as representatividades de toda a comunidade escolar, no início de cada ano letivo é elaborado o plano de formação das turmas.

A constituição do plano de formação acontece através da contribuição dos instrumentos pedagógicos, sendo assim na sequência será descrito como funciona cada instrumento e sua importância no desenvolvimento do plano de formação.

**Tema gerador:** são temas centrais que abordam em sua totalidade o caminho pedagógico proposto para aquele determinado ano de aprendizagem. Consiste na temática

central de onde se desmembrará os temas dos planos de estudos.

**Plano de Estudo:** é um dos instrumentos fundamentais na pedagogia da alternância, diz respeito aos temas que serão abordados e que norteará as pesquisas dos alunos. Sem os planos de estudo não existe o plano de formação, é na sistematização do plano de estudo que acontece a ação dos demais instrumentos pedagógicos, constituindo o plano de formação horizontalmente para que as disciplinas escolares possam entrar com a especificidade de cada conteúdo de maneira vertical, interdisciplinando instrumentos pedagógicos ao conteúdo das disciplinas escolares.

O plano de estudo possibilita ao aluno se encontrar enquanto pesquisador, permite se autoquestionar e compreender a realidade. Em cada plano de estudo um professor/monitor faz a motivação animando e orientando os alunos no processo de pesquisa. Após a motivação inicial, os alunos se voltam para o tema escolhido e coletivamente a turma elabora um roteiro que irá ser a base para a realização da pesquisa no tempo comunidade. Assim, o aluno articula os saberes escolares aos pessoais, de sua família e do meio socioprofissional.

Neste momento cabe-nos o questionamento, como se efetiva a prática do professor em conciliar os temas do plano de estudos com o compromisso da transmissão dos conteúdos? O que fazer com os conteúdos que não estão relacionados aos temas dos planos de estudos? O que esses alunos precisam aprender? Será que a prática pedagógica dos professores não fica submetida ao pragmatismo e utilitarismo, pautado somente no como fazer em detrimento a possibilidade de acesso aos conhecimentos nas suas formas mais desenvolvidas? Segundo Rossi; Rossi; Assumpção (2020, p.140) “Na prática real, acabam por contribuir com o esvaziamento dos currículos e a descaracterização do papel dos professores na atividade de ensino”.

Neste sentido Rossi; Rossi; Assumpção (2020, p. 154), faz uma importante reflexão sobre a função do professor frente a prática pedagógica no que diz respeito aos conteúdos clássicos:

É preciso limpar o terreno: de modo algum defender a transmissão dos conhecimentos clássicos seja sinônimo de um apagar ou de qualquer tipo de desprezo arrogante pelas manifestações culturais efetivadas pelos diversos grupos sociais das camadas populares. [...] Os clássicos não sufocam o popular. Os clássicos permitem o popular se expressar em níveis mais sofisticados, sistematizados e organizados; de modo que a epiderme do real não seja o horizonte máximo a ser vislumbrado em qualquer análise ou debate.

Aqui não estamos questionando a importância do plano de estudos e dos demais instrumentos pedagógicos, mas sim, do sufocamento dos conteúdos clássicos na formação dos alunos. Cabe-nos refletir a dificuldade enfrentada pelo professor quanto ao silenciamento na transmissão do conhecimento acadêmico, impreterível a formação do aluno. Pois quando o ensino tem um início e um fim em si mesmo, fragmenta a aprendizagem do aluno com lacunas dificultando por exemplo na liberdade de escolha em construir uma carreira acadêmica e profissional, pois sua formação esteve centrada na perspectiva de possibilitar elementos somente para o trabalho na terra. Não criticamos essa possibilidade, mas sim a forma limitante com que os instrumentos focalizam somente numa visão popular.

Desta feita, Duarte acrescenta:

O que o trabalho educativo produz, portanto, é a humanização do indivíduo, a transformação do indivíduo em indivíduo humano. Toda pessoa possui, ao nascer, a condição de um ser humano no sentido de que nasce pertencendo à espécie humana. [...] mas ela nem é, ainda, plenamente um ser humano, nem é ainda plenamente um indivíduo. Ela tornar-se-á um indivíduo e tornar-se-á um ser humano por meio de um processo educativo que é essencialmente social e cultural: a transmissão da riqueza material e espiritual necessária ao desenvolvimento da individualidade. (DUARTE, 2013 p. 64).

O desenvolvimento do plano de formação fica sob a responsabilidade de um monitor: termo atribuído para aquele profissional (professor) que assume o trabalho educativo na EFA, e conseqüentemente os instrumentos pedagógicos desenvolvidos pela escola. No desenvolvimento do plano de estudo o monitor será o responsável pela

animação, organização e condução nas etapas de pesquisa. Devendo socializar com a equipe de professores/monitores da escola o processo desenvolvido na condução do plano de estudo.

**Colocação em Comum:** é o momento de socialização das experiências, dos resultados da pesquisa. Após as socializações feitas por cada aluno, é elaborado a síntese individual e coletiva. Esse movimento possibilita ao jovem a interação e conhecimento de outras realidades, ampliando sua experiência de mundo e crítica em meio aos debates presentes nas socializações.

**Visita e Viagens de Estudo:** São instrumentos importantes no plano de formação, possibilita ao jovem aprender pela observação e a confrontá-las, ampliando sua compreensão e conhecimento de outras experiências. Estas visitas e viagens são marcadas no ato de criação do plano de formação ou no decorrer conforme as percepções do monitor/orientador do plano de estudo, ou até mesmo por possibilidades trazidas pelos alunos, podendo ser analisada e organizada a efetivação da mesma. Após as visitas os alunos são estimulados a socializar as percepções e experiências aprendidas e a registrar no caderno da realidade.

Essas aprendizagens são fundamentais no processo de amadurecimento cognitivo dos alunos. Quando tecemos a crítica que a prática dos instrumentos pedagógicos não pode ter um fim em si mesma, se relaciona a este sentido, o registro da experiência da visita ou viagem de estudo, é importante! Porém, como esta experiência se relaciona com os conhecimentos clássicos? O que o registro da experiência no caderno pode favorecer além da compreensão das percepções de conhecimento popular? possibilitar esta compreensão é o que pode tornar a experiência dos instrumentos pedagógicos uma oportunidade ímpar para a formação crítica dos alunos.

**Intervenções externas:** São as contribuições de pessoas que não fazem parte da equipe pedagógica, com a finalidade de somar na discussão e reflexão de determinado plano de estudo. São saberes e experiências que compartilhadas levam o jovem a refletir, analisar criticamente, ampliando a compreensão e o conhecimento sobre a pesquisa.

**Visita às Famílias:** Essa atividade compreende o movimento da escola em visitar todos os alunos em suas propriedades. É um movimento de aproximação da escola com a família, de interação e compreensão perante os avanços e dificuldades enfrentadas pelos alunos no meio socioprofissional.

**Serão de estudos:** São atividades realizadas no período noturno, como a EFA funciona em sistema de internato, a escola aproveita esta dinâmica e pode utilizar deste turno para complementar as discussões e atividades realizadas no plano de estudo, podendo ser em forma de intervenção externa, atividades culturais, filme, música, debate.

**Caderno da realidade:** é o instrumento onde o aluno vai sistematizar e registrar todas as suas experiências. O caderno da realidade possibilita este amadurecimento intelectual do jovem, onde refletir, pensar hipóteses, compreender e lapidar sua concepção crítica e social dos aspectos abordados na pesquisa do plano de estudo. É o local dos questionamentos dos porquês, onde o objetivo não é somente o de chegar em respostas, mas compreender a dinâmica envolvida no processo de constituição da história, da luta e dos conhecimentos.

**Atividade de retorno:** É a consolidação, partilha dos resultados, das experiências, aprendizagens vivenciadas no processo de pesquisa. É o momento de socialização, de partilha, de troca de saberes e experiências, é um momento cultural, social, místico, esportivo.

É neste movimento de cada instrumento pedagógico que o plano de formação se constitui. Mas será que a EFA atende sua função social em oportunizar aos alunos acesso ao patrimônio cultural da humanidade? Será que na prática real o plano de formação viabiliza o acesso dos alunos aos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos?

#### **4 PLANO DE FORMAÇÃO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE NA EFA**

O plano de formação é uma etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem numa EFA. Desde o ingresso na escola o aluno é convidado a compreender o que lhe trouxe ali, a refletir sobre sua história, a luta pela e na terra, o reconhecimento e valorização de suas raízes, de sua identidade como jovem camponês. É neste processo de acolhida que o jovem é despertado a compreender-se como parte fundamental da engrenagem que faz a alternância acontecer. Assim no início do ano letivo representantes da comunidade escolar: pais, alunos, professores, monitores, associação local, associação mantenedora da escola, coordenação e direção da escola são desafiados a pensar e construir o plano de formação da escola.

O planejamento de uma EFA acontece por meio da constituição do plano de formação. Após a definição do tema gerador, o desafio é construir o plano de formação horizontalmente, iniciando pela definição dos temas dos planos de estudo e por conseguinte a atuação de cada instrumento pedagógico dentro do tema abordado. Após esse processo o plano de formação é construído verticalmente com a contribuição dos componentes curriculares, cada professor deverá organizar os conteúdos da disciplina em consonância aos aspectos abordados no plano de estudo, interligando a pesquisa feita pelos alunos no plano de estudo aos conhecimentos científicos das disciplinas escolares.

De acordo com Kuenzer, Lima (2013, p. 528) “O plano de formação é o currículo, diferindo do currículo tradicional por não partir das disciplinas e sim dos temas da realidade dos alunos, do seu meio familiar, social e profissional”.

Eis a questão: Como a EFA pode garantir ao aluno o acesso aos conhecimentos históricos e socialmente produzidos pela humanidade e desvincilhar de uma prática pedagógica imediatista e utilitarista?

Destarte, a escola não pode ter um fim em si mesma, estruturando sua prática pedagógica somente nas expectativas dispostas nos planos de estudos, há de se ter a preocupação enquanto instituição social em fornecer aos alunos o acesso aos mais variados conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos. É nesse sentido que Rossi; Rossi; Assumpção afirmam que:

Entendemos que os conteúdos escolares devidamente dosados e sequenciados considerando-se as características dos destinatários (alunos) e as condições de trabalho dos professores podem contribuir decisivamente para a formação mais humanizada e sensível. É justamente aqui que a objetividade da ciência, a humanização da grande arte e a reflexão profunda da autêntica filosofia, mostram toda sua potencialidade para o trabalho educativo. (ROSSI; ROSSI; ASSUMPÇÃO. 2020, p. 156).

Saviani (2012) nos alerta sobre a importância da escola no compromisso da essência de sua existência como instituição educacional, apontando a responsabilidade para com o currículo a ser desenvolvido. Saviani (Op. cit, p. 55) nos aponta que “os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa”.

Ainda sobre a questão curricular o autor fortalece a reflexão do currículo como instrumento que possibilita a emancipação do sujeito, possibilitando a compreensão do mundo, as forças e interesses implícitos e explícitos marcados pelo capitalismo e os efeitos oriundos do mesmo, de exploração e alienação, que faz do trabalhador refém por meio do seu próprio trabalho. Fragmentar o currículo ou negar a transmissão do conhecimento científico, artístico e filosófico é condenar o sujeito em ser dominado pela herança acrítica e ideológica de uma estrutura dominante.

Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. [...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação. (SAVIANI, 2012, p. 55).

Destarte, o maior desafio da EFA na perspectiva do plano de formação consiste em não romantizar o processo de aprendizagem tendo a prática pedagógica um fim em si

mesma, voltar somente para o ensino popular e o local em detrimento aos conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos.

Duarte nos faz uma importante contribuição neste sentido:

Mas quais conhecimentos devem integrar o currículo, de maneira que a educação escolar promova o desenvolvimento, nos alunos, da concepção de mundo que expresse essa luta histórica do ser humano pela liberdade? São os conhecimentos que superam, por incorporação, o senso comum, o saber cotidiano, isto é, são as ciências naturais e sociais, as artes e a filosofia em suas manifestações mais ricas e desenvolvidas. (DUARTE, 2018, p. 72 - 74).

Na EFA o plano de formação sinaliza um caminho pedagógico diferenciado a se percorrer, o processo formativo do jovem camponês não fica enrijecido somente por livros, mas pela conciliação das produções culturais da humanidade para com os saberes e realidade social, econômica, política e ambiental das comunidades camponesas, é o claro movimento do processo de escolarização ao encontro das perspectivas de aprendizagem dos alunos.

## **5 ANÁLISE DO PLANO DE FORMAÇÃO**

### **5.1 PLANO DE FORMAÇÃO 1º ANO EFAR**

Para o presente artigo analisaremos o plano de formação da EFA Rosalvo da Rocha Rodrigues. O plano de formação do 1º ano do ensino médio concomitante ao curso técnico em agropecuária da EFAR, apresenta como objetivo: proporcionar ao aluno a valorização do campo, do seu ambiente familiar e comunitário, seus valores e suas culturas.

Quadro 2 – Plano de formação do 1º ano

TG	Tema PE	Enfoque da Motivação	Enfoque da Colocação em Comum	Visita às Famílias	Atividade de Retorno
O HOMEM, A MULHER E A TERRA	<b>A Pedagogia da Alternância e a luta na Terra</b>	Resgate histórico e cultural; Desafios e conquistas; Produção; Educação do Campo; EFAR	Envolvimento com a luta/ organização; Autossustento; Perspectivas Futuras	Perceber a relação familiar e a interação entre o saber da Sessão Escolar e o saber da Sessão Familiar.	Apresentação e partilha de produtos dos resultados da luta.
	<b>A família</b>	Participação nas organizações; Resgate histórico (casamento, ascendência); Conceitos	Relacionamento familiar; Convivência; Valores		Árvore Genealógica
	<b>Identidade pessoal</b>	Construção da identidade; Sentimentos, crenças/valores desejos, limites e dificuldades.	Potencialidades; Ética; Desejos; Limites e dificuldades; Conquistas pessoais		Escrever a autobiografia
	<b>Qualidade de vida</b>	Cuidados com a saúde humana, animal e agrícola.	Cuidados com a saúde; Sexualidade; Práticas saudáveis		Torneio esportivo
	<b>Mística da Terra e da Água</b>	Terra e água; Sentimentos; Relações; Questão ambiental;	Relação com a natureza e uso dos recursos naturais		Separação do lixo
	<b>Arranjo produtivo Local</b>	Conceituação e importância do levantamento da realidade	Apresentação da realidade dos Arranjos produtivos locais		Croqui

Fonte: EFAR, 2015.

## 5.2 PLANO DE FORMAÇÃO 2º ANO EFAR

O objetivo do plano de formação para o 2º ano é: Proporcionar condições de estudo sobre o meio do/a aluno, para que o mesmo reflita e compreenda sobre sua realidade social, política, econômica e tecnológica;

Quadro 3 – Plano de formação do 2º ano

TG	Tema PE	Enfoque da Motivação	Enfoque da Colocação em Comuns	Visitas às Famílias	Atividade de Retorno
AGRICULTURA	<b>A EFAR e o Arranjo Produtivo Local</b>	Resgate do trabalho realizado; desafios e conquistas; produção e destinação; comercialização	Participação na associação local; desafios na produção	Perceber a participação do/a estudante na comunidade e associação. Avaliar e rever a continuidade da área de experimentação.	Trabalho na comunidade sobre APL
	<b>Organização da propriedade e a subsistência</b>	Processo de organização e sustentação na propriedade; importância das culturas de subsistência na família	Organização e uso dos meios de produção existentes na propriedade		Banco de Sementes
	<b>Movimentos e entidades populares</b>	Quem são eles? A função contribuição dos movimentos na organização do projeto de assentamento	Importância da atuação dos movimentos;		

	<b>EFAR e Tecnologia de Produção</b>	Conceito de tecnologia; alternativas tecnológicas e princípios agroecológicos	O que temos e o que queremos; Necessidades no meio camponês	Levantamento dos recursos tecnológicos na propriedade e na comunidade
	<b>Desenvolvimento Local</b>	Conceitos envolvidos em desenvolvimento; iniciativas e necessidades	Papel do técnico em agropecuária como agente de Desenv. Local	Levantamento sobre a realidade do Assentamento

Fonte: EFAR, 2015.

### 5.3 PLANO DE FORMAÇÃO 3º ANO

Para a terceira etapa do ensino na EFAR, o objetivo do plano de formação consiste em: preparar o Jovem Agricultor, para participar conscientemente e com preparação técnica conveniente ao desenvolvimento do meio rural.

Quadro 4 – Plano de formação do 3º ano

TG	Tema PE	Enfoque da Motivação	Enfoque da Colocação em Comum	Visita às Famílias	Atividade de Retorno
DESENVOLVIM	<b>Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local</b>	Resgate do trabalho realizado; conhecimento e desenvolvimento do meio	Atuação do agente de ATER no desenvolvimento; o que temos e o que queremos	Avaliar e rever a continuidade da área de experimentação	Trabalho na comunidade sobre o papel do agente de Desenvolvimento

	<b>Lutadores do povo</b>	Resistência; ideologia; importância dos lutadores do povo na construção da luta	Crença; resistência e ideologia	
	<b>Política e cidadania</b>	Conceituação; importância da eleição no desenvolvimento local; leis trabalhistas	Impactos sociais dos projetos existentes; correlação de forças - poder	
	<b>Agentes de desenvolvimento local</b>	Competências e perfil do profissional que queremos; como organizar para atender a demanda	Competências e perfil do profissional que queremos	Debate sobre organização dos técnicos

Fonte: EFAR, 2015.

O plano de formação a cada etapa de ensino visa possibilitar o amadurecimento e formação do aluno no alternar entre escola e família. No primeiro ano de ensino, a escola busca despertar no aluno seu autoconhecimento, sua história, o processo de luta pela e na terra, num processo de reflexão que o mesmo reconheça sua identidade como jovem camponês, trabalhador, que tem sonhos, inquietações e angústias.

O tema gerador o homem, a mulher e a terra sinaliza um caminho importante na aprendizagem, no qual o aluno é levado a discussão, reflexão e construção da criticidade sobre os debates que permeiam a questão de gênero e de luta pela e na terra. Além da discussão sobre a qualidade de vida no campo e a mística da terra, fortalecendo no jovem a pertença pelo espaço que habita, a compreensão das possibilidades, e a percepção da agroecologia como forma alternativa para esta vida digna e saudável.

No segundo ano de aprendizagem na EFA, o plano de formação direciona este jovem a começar a olhar pela comunidade, a perceber as relações que são estabelecidas e como contribuir com o desenvolvimento local.

A sobrevivência do camponês está associada as formas de produção, subsistência e comercialização de seus produtos. Assim é importante a compreensão deste movimento de sociedade capitalista e os impactos no campo. O jovem é despertado a olhar sua comunidade e o movimento que se estabelece nas relações de produção, comercialização e sustentabilidade, e em como compreender a diversificação, a agroecologia como alternativas tecnológicas de produção e vida.

O plano de formação do segundo ano nos mostra a escola preocupada em possibilitar a inserção do jovem perante a realidade social de sua comunidade, das relações campo-cidade e diversificação na produção da propriedade.

No terceiro ano o plano de formação é a concretização da caminhada formativa do aluno na escola, a essência da pedagogia da alternância nas EFAs é formar jovens agricultores para que se tornem protagonistas, agentes sociais para o desenvolvimento local e sustentável de suas comunidades. Assim sendo, nesta etapa o plano de formação busca possibilitar a este jovem a compreensão dos aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais, afim de possibilitar sua inserção socioprofissional e contribuição no desenvolvimento de sua comunidade.

O plano de formação no terceiro ano busca que o aluno compreenda a organização da sociedade e os movimentos do capitalismo no processo alienante ao qual é submetido o camponês, as forças impostas pelo agronegócio e suas artimanhas na exploração e destruição do meio ambiente em favor do lucro para uma minoria.

O que fica evidente é que cada plano de formação aponta temas relevantes e imprescindíveis para a formação do jovem camponês. Segundo Kuenzer; Lima (2013, p. 528) “o plano de formação é o currículo”, os planos de estudos são a base para a organização da prática pedagógica dos professores, esta ação não significa desmerecer todo o arcabouço de conhecimento científico, artístico e filosófico produzido pela

humanidade, mas sinaliza que o processo formativo desenvolvido nas EFAs parte de uma perspectiva diferente.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A prática pedagógica desenvolvida pelas EFAs, tem como característica principal esta resistência ao movimento capitalista imposto pela sociedade e seguida de maneira alienante na prática pedagógica desenvolvida na escola. O currículo, a metodologia sofrem os efeitos de valores impostos por poucos é reproduzido e naturalizado por muitos. Assim se prolifera os valores do capitalismo e desta educação patronal, que marginaliza, exclui e nega os trabalhadores. A pedagogia da alternância vem ao encontro desta problemática apresentando uma possibilidade de ensinar, de transmitir os conhecimentos científicos acumulados pela história, mas com clareza de quem são os sujeitos que estão em formação, sua história, saberes e experiências.

A pedagogia da alternância se efetiva em meio a seus instrumentos pedagógicos, dentre eles o plano de formação. É neste movimento de construção do plano de formação que o processo educativo se mantém vivo, construído a partir da dinâmica vivida na sociedade. O plano de formação sugere o compromisso de toda a comunidade escolar, no planejamento, organização e execução de cada momento.

Neste trabalho a proposta foi em compreender o plano de formação desenvolvido pela EFA Rosalvo da Rocha Rodrigues, como instrumento pedagógico, buscando compreender as possibilidades para a prática pedagógica do professor e a relação ensino aprendizagem, escola e comunidade na vida do aluno.

A partir da análise do plano de formação pode-se perceber, a dinâmica diferenciada das EFAs, a atenção e valorização da história e identidade do jovem camponês, bem como da oportunidade de toda a comunidade escolar em participar da constituição do plano de formação e sua preocupação com a formação crítica do aluno.

Apesar dos desafios que precisam ser superados e compreendidos pelo movimento da escola na prática pedagógica, na formação dos alunos, é preciso salientar que as EFAs se incluem em um projeto educativo real que oportuniza ao jovem camponês o acesso a um processo educativo a partir da sua realidade que não representa um fim em si, mas com vistas a sua emancipação.

## REFERÊNCIAS

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE. Trierry (orgs). Verbetes sobre os Instrumentos Pedagógicos nos CEFFAS. In: **AMEFA: Projeto/Pedagógico da EFA**. Belo Horizonte: (editora?)2000.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 09 fev. de 2022.

BRASIL. **Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JQHzhXKqbSH7PYPNJDjnTTR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 09 fev. de 2022.

DUARTE, Newton. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA ROSALVO DA ROCHA RODRIGUES – EFAR. **Plano de formação**, Rio Brilhante -MS, 2015.

KUENZER, Acacia; LIMA, Humberto. As relações entre o mundo do trabalho e a escola: a alternância como possibilidade de integração. **Educação. Revista do Centro de Educação**, vol. 38, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, p. 523 – 535. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

QUEIROZ, J. B. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil – ensino médio e educação profissional**. 2004. 211 f. (Tese de doutoramento). Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2004.

ROSSI, Rafael; ROSSI, Aline; ASSUMPCÃO, Mariana. A objetividade da ciência, a grande arte e a filosofia na educação escolar. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.26, ns.51 e 52, p. 140 a 158, jan./dez. 2020.

SANTOS, Cláudio Eduardo Félix dos. **Relativismo e escolanovismo na formação do educador**: uma análise histórico-crítica da licenciatura em educação do campo. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2011.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

ZENATTI, Joziane. **O plano de estudo como articulador da escola com a vida na escola do campo**. Universidade de Brasília – UnB, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7392>. Acesso em: 09 fev. de 2022.